

Diálogos

Diálogos - Revista do Departamento de
História e do Programa de Pós-Graduação em
História

ISSN: 1415-9945

rev-dialogos@uem.br

Universidade Estadual de Maringá
Brasil

Fortuna Serafim, Vanda

O DISCURSO DE RAIMUNDO NINA RODRIGUES ACERCA DAS RELIGIÕES AFRICANAS NA
BAHIA DO SÉCULO XIX

Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História, vol.
14, núm. 2, 2010, pp. 439-442

Universidade Estadual de Maringá
Maringá, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=305526881012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

O DISCURSO DE RAIMUNDO NINA RODRIGUES ACERCA DAS RELIGIÕES AFRICANAS NA BAHIA DO SÉCULO XIX *

*Vanda Fortuna Serafim ***

Nossa dissertação de Mestrado analisou o discurso de Raimundo Nina Rodrigues acerca das religiões africanas na Bahia do século XIX. Buscamos romper com a homogeneidade de um “discurso médico”, a fim de destacar a multiplicidade de olhares lançados sobre a religiosidade africana. Ao complexizar a figura do médico e visualizar os diferentes “lugares sociais” de seu discurso nos foi possível, inclusive, desenvolver hipóteses acerca de uma postura católica.

Essa percepção nos levou à necessidade de compreender a forma como as religiões africanas apareciam no discurso de Nina Rodrigues, ou seja, quais os conceitos ou termos utilizados pelo autor para referenciá-las. Para desenvolver nossa proposta tivemos que definir o caminho a ser percorrido que melhor atendesse ao recorte e à discussão de nosso objeto e objetivos, por isso optamos por teóricos que fundamentassem nossa pesquisa a partir da História das Ideias. Egdar Morin (2005), Bruno Latour (1994) e Michel de Certeau (1982) nos deram os aportes teóricos necessários para viabilizarmos nossa proposta de pesquisa.

A dissertação está estruturada em duas partes, das quais a primeira refere-se aos aportes teóricos e às questões do contexto histórico, e a segunda contempla a análise das fontes “O animismo fetichista dos negros bahianos” e “Os africanos no Brasil”.

No primeiro capítulo - “Os aportes teóricos-metodológicos: considerações para a investigação do discurso de Raimundo Nina Rodrigues acerca das religiões africanas na Bahia do século XIX”, fizemos a exposição dos aportes teóricos e metodológicos que nos ajudam a refletir sobre a problemática da pesquisa, principalmente a ide

* Texto recebido em 24 de maio de 2010 e aprovado em 30 de novembro de 2010.

** Mestre em História pelo PPH/UEM, sob a orientação da Profa. Dra. Solange Ramos de Andrade.

de “pensamento complexo”¹ em Edgar Morin (2005), o que nos levou à explicação de alguns conceitos-chave para o desenvolvimento de nosso raciocínio, como *imprinting*² e normalização³. Utilizamos a discussão de Bruno Latour (1994) acerca do pesquisador como um “ser híbrido”, ou seja, que transita entre as mais diversas áreas do conhecimento, para mostrar a necessidade de um estudo que não se atenha a um único viés disciplinar como pressuposto para lidar com o nosso objeto, já apontado por Morin em sua noção de transdisciplinaridade. Mostramos a necessidade de se considerar a existência de diferentes sujeitos⁴ no discurso de Nina Rodrigues, enfatizando o caráter sociológico-antropológico de sua obra, a fim de compreender que seu olhar sobre as religiões africanas não deve ser pensado como mero reflexo das teorias sociais darwinistas e evolucionistas sociais, mas inserido num contexto amplo de conflitos socioculturais.

No segundo capítulo, “Complexizando o contexto: o não dito sobre o momento histórico que produz e é produzido por Nina

¹ É a partir de sua atuação em diferentes campos do saber que Morin (2005) propõe um conhecimento transdisciplinar partindo da crítica à fragmentação do saber que tenderia a ater o especialista voltado a uma única peça do quebra-cabeça impossibilitando a consciência de uma visão global. Morin entende o conhecimento como um “todo”, no entanto, a ciência, na tentativa de se legitimar, isolou, separou, desuniu e reduziu o conhecimento a “partes”, unidades e estruturas do conhecimento dissociadas umas das outras. Ao subdividir incansavelmente o conhecimento, subdividiu-se a idéia de homem. E ao ater-se a apenas um dos fragmentos, perdeu-se a idéia do humano em sua totalidade, assim, o homem se esfarela e quanto mais miserável é a idéia de homem, mais eliminável ela é: como o homem, o mundo é desmembrado entre as ciências, esfarelado entre as disciplinas e pulverizado em informações. Morin propõe a teoria do pensamento complexo para analisar a produção do conhecimento científico.

² Por *imprinting* cultural devemos entender o determinismo que pesa sobre o conhecimento. Ele nos impõe o que se precisa conhecer, como se deve conhecer, o que não se pode conhecer. Comanda, proíbe, traça os rumos, estabelece os limites, ergue cercas de arame farpado e conduz-nos ao ponto aonde devemos ir. (MORIN, 2005).

³ O conceito de normalização está intrinsecamente ligado à noção de *imprinting* cultural. Ao falarmos de um já pressupomos o outro, pois ambos estão ligados à inexorabilidade da cultura presente na análise morianiana.

⁴ Sob a noção de “sujeito” ver Edgar Morin: “Aqui, eu me refiro à concepção de sujeito, elaborada por mim, que vale para todo ser vivo. Ser sujeito é auto-afirmar situando-se no centro do seu mundo, o que é literalmente expresso pela noção de egocentrismo. Essa auto-afirmação comporta um princípio de exclusão e um princípio de inclusão. [...] O princípio de exclusão é fonte do egoísmo, capaz de exigir o sacrifício de tudo, da honra da pátria e da família. [...] O princípio de inclusão manifesta-se desde o nascimento pela pulsão de apego à pessoa próxima. Ele pode conduzir ao sacrifício de si pelos seus, pela sua comunidade, pelo ser amado” (MORIN, 2005, p.19-20).

Rodrigues”, ao investigar o que a bibliografia especializada afirmava sobre o olhar de Nina Rodrigues acerca das religiões africanas, percebemos que os autores escolhidos também desenvolveram ideias sobre Nina Rodrigues a partir de sua visão de mundo. Thomas E. Skidmore (1976), ao analisar “raça” e nacionalidade no pensamento brasileiro, Mariza Corrêa (2001), ao discutir a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil, e Lilia Moritz Schwarcz (1979), ao abordar os cientistas, as instituições e a questão racial no Brasil, propuseram-se a discutir a ciência brasileira em fins do século XIX, categorizando o discurso de Nina Rodrigues sobre as religiões africanas como um discurso exclusivamente médico, embora considerassem que o autor dialogasse com outras áreas da ciência. A bibliografia sobre Nina Rodrigues considerou as questões políticas, sociais, econômicas e culturais, as medidas civilizadoras, as teorias científicas reinantes e o processo de organização do saber que constituíram a atmosfera do século XIX, mas não considerou outras formas determinantes intrínsecas ao conhecimento científico, como o senso comum e as crenças e valores morais do cientista.

No terceiro capítulo, “O animismo fetichista dos negros bahianos”, apresentamos a estrutura da obra e discutimos os múltiplos sujeitos no discurso de Nina Rodrigues, como o pesquisador positivista, o psiquiatra, o psicólogo, o sociólogo, o antropólogo e o Nina Rodrigues como indivíduo que se relaciona com as pessoas de seu tempo. Em seguida analisamos as categorias explicativas utilizadas nesta obra por Nina Rodrigues para o estudo das religiões africanas. São eles os termos: “fetichismo”, “animismo”, “*double*”, “teologia”, “fitolatria”, “litolatria”, “hidrolatria”, “liturgia”, “sonambulismo”, “histeria”, “hipnotismo”, “raça” e “sincretismo”.

No quarto e último capítulo, “Os africanos no Brasil”, apresentamos como esta obra está estruturada e discutimos a diversidade de olhares no discurso de Nina Rodrigues acerca das religiões africanas, entre eles: o pesquisador nacionalista, social-darwinista e evolucionista-social, positivista, historiador, o sociólogo, o filólogo, o linguista, o antropólogo, o folclorista, o psicólogo, o ogã, o indivíduo e o católico. Novamente, analisamos as categorias explicativas utilizadas nesta obra por Nina Rodrigues para o estudo das religiões africanas: “sobrevivências”, “mestiçagem espiritual”, “negros maometanos” e “totemismo”.

Considerando as implicações históricas do contexto em que nossas fontes foram produzidas, fizemos uma análise individual de cada

obra, atentando para os aspectos estruturais de organização do discurso e disposição das ideias de Nina Rodrigues e enfatizando a diversidade de sujeitos em cada fonte. Nosso intuito ao destacar esta multiplicidade de sujeitos não foi desmembrar o sujeito Nina Rodrigues, mas demonstrar que seu discurso acerca das religiões africanas na Bahia do século XIX contempla diversas áreas do conhecimento, inclusive as relacionadas ao universo da crença e do senso comum.

REFERÊNCIAS

- CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.
- CORRÊA, Mariza. *As ilusões da liberdade: a Escola Nina Rodrigues e a antropologia no Brasil*. 2a. ed. Bragança Paulista: EDUSF, 2001.
- LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- MORIN, Edgar. *O método IV: As idéias – habitat, vida, costume, organização*. 4a. ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005.
- RODRIGUES, Nina. *O animismo fetichista dos negros bahianos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935.
- RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. 6a. ed. São Paulo/Brasília: Ed.Nacional/Ed. Universidade de Brasília, 1982.
- SCHWARCZ, Lília Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. 2a.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.